

# DAVI KOPENAWA

---

# HUTUKARA: GRITO DA TERRA

## **NOTA DOS EDITORES**

Este texto resulta da transcrição de uma aula ministrada por Davi Kopenawa, no dia 21 de setembro de 2018, na abertura do Seminário de Pós-Graduação Políticas da Terra, ofertado na Universidade Federal de Minas Gerais como parte do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais. A aula contou com a mediação de Ana Maria Gomes e Ana Maria Antunes Machado.

# DAVI KOPENAWA

---

## HUTUKARA: GRITO DA TERRA

*Hwei, napë wamakî! Totihi thë weyate!  
Hiya wamakî, moko wamakî, pata wamakî. Ipa wama thëã waisipë  
hĩrĩ. Wama thëã hĩrĩ maki, hwei thëã oraha nëhë mohoti! Maki  
kami ya xitopraru, hoyamë wamakî roõ yaro, wamakî yomakî tao  
pihio yaro. Wamakî yomakî tao tëhë, yamakî moyamî hathõ, kaho  
wakamî mayamî maki ai yo hámi wamakî kua. Kami urihi thëri ya-  
makî, hwei kurenaha yamakî kuaimi. Yamakî xomi. Yamakî yai tha?*

Assim eu disse: estou falando a língua Yanomami, para vocês entenderem minha palavra, minha língua Yanomami do Brasil. Boa tarde para todo mundo, as moças, os moços, os idosos. Vamos nos ouvir. Vou falar sobre conhecimento *hutukara, urihi*.

Meu nome é David Kopenawa, que significa “marimbondo”. Vocês conhecem marimbondo? Conhecem não, né? *Kopenawa* é um nome muito importante entre os Yanomami. Sou presidente da Hutukara, associação que criamos em Roraima, em 2004, para representar o povo Yanomami na cidade. E sou também *xapiri*, pajé que cura as pessoas quando estão doentes. Trabalho para levar o nome do povo Yanomami à comunidade, à cidade e fora. Esse é meu papel na luta para defender meu povo. Minha comunidade se chama Watorikî, que significa

“serra do vento”. Porque em dezembro, janeiro, fevereiro, durante quatro meses, venta muito na serra. Watoriki fica no Amazonas, na fronteira do Brasil com a Venezuela. Nossa comunidade fica longe, mais ou menos a uma hora e meia de voo, em um avião pequenininho.

O meu povo Yanomami usa casas diferentes. É como o estádio Mineirão... acho que vocês aprenderam a fazer o Mineirão com meu *xapono*, acho que alguém foi lá olhar meu *xapono* para imitar a construção redonda. Todos os Yanomami costumam usar *xapono* redondo, que significa “O positivo”, *Omama*.

Nós não temos escola tal como vocês. A escola é nossa floresta, a floresta que *Omama* preparou para nós, Yanomami, aprendermos de modo diferente, *wayamou*, *yaemou*, *hiimou*, *praiat*, *moyãmiait*, *xapiripru*. A nossa escola é diferente, nós não usamos dinheiro para pagar professor, professora. Yanomami não usa dinheiro. Usamos sabedoria, que é melhor para o povo Yanomami. Nós pensamos em usar o dinheiro, mas dá muito trabalho. O dinheiro estraga o pensamento da gente, deixa a cabeça cheia de confusão.

Então, somos assim.

## BORDAS DA LÍNGUA

Nós Yanomami sabemos estudar também, sabemos preparar nosso pensamento. Entre nós, não é todo mundo que fala português. As mulheres, homens, rapazes, crianças, eles falam a própria língua. Nossa língua é protegida para garantir nossos direitos. Se perdermos a língua, vamos perder tudo o que temos. Se todo mundo aprender a falar português, nós não teremos a terra. Então, achamos bom continuar a usar nossa própria língua.

Nossa língua é protegida há muitos anos. Há muitos anos, no início, o criador dos povos Yanomami protegeu a língua e continua a protegê-la até hoje. Porque é nossa raiz, nosso tronco. A língua nos protege. Ela está aqui na minha boca, na borda da minha língua. Ela é como arco e flecha para nos defender. A língua portuguesa é como um veneno, ela envenena a língua indígena.

Aprendi o português para defender o povo Yanomami. Estava lá na região do Toototobi. Fui mandado por meu *tuxaua*, o *pata thë*, para a equipe da Funai. A equipe da Funai esteve na minha aldeia e pediu para o meu sogro. Eles pediram para me levar a Ajuricaba, onde fica o posto da Funai. Pensei um pouco e aceitei. O meu sogro falou, então você vai, você vai com *napë* para aprender a falar. Eu não estava com vontade de sair da minha aldeia, não queria me envolver com os não indígenas. Eu queria me envolver diretamente com meu povo, porque o meu povo é melhor para mim. *Napë* é muito difícil, tem um pensamento muito diferente, é muito complicado. Mas assim mesmo eu fui, saí sem falar nada em português. Não entendia nem um "bom dia". Eles falaram para mim: olha, você vai ficar lá um mês. Eu não queria, mas o *napë* me levou. Fui de barco até Ajuricaba e depois até Barcelos. Foi muito duro, muito difícil. Demora muito para entender a língua portuguesa. Mesmo assim, eu fui tentando, escutando as palavras que *napë* falava para mim.

Eu adoeci, lá em Barcelos, e fui para Manaus, onde me deixaram no hospital. Eu ainda não sabia falar nada em português e aprendi a entender a língua portuguesa no hospital. Fiquei lá por um ano, doze meses. Estava doente, com tuberculose. A tuberculose me pegou: eu não peguei não, ela que me pegou. Saí do hospital e voltei à minha aldeia. *Napë* veio atrás de mim, para eu continuar andando com ele.

Fui de novo para a cidade grande, Manaus, onde fiquei por um ano ajudando e trabalhando. Lá, uma pessoa que cuidou de mim virou como meu pai e a esposa dele virou como minha mãe. Eles me ensinaram e cuidaram de mim. Falavam assim: meu filho, Davi, você é Yanomami, mas tem que aprender português. Aproveita que está aqui e aprende a língua portuguesa para defender o seu povo, para defender seu direito à terra, os *xapiri*, a comunidade. Eu me lembrei de quando o homem branco matou meus parentes, Waimiri-Atroari, quando eu tinha ainda 9 anos. Quando passaram a estrada pelas terras dos meus parentes... Aí, me diziam: tem que aprender a falar a língua portuguesa para defender seu povo. Fiquei um ano e depois continuei andando, trabalhando, viajando, ajudando.

Viajei para vários lugares fora da minha comunidade. Acho que aprendi, melhorei minha fala e melhorei o entendimento do português.

O pessoal da Funai falou: então, Davi, você está falando bem a nossa língua, você vai ser intérprete, intérprete da Funai. Você também fica ao lado do seu povo. Porque nós, *napë*, não sabemos falar Yanomami, então precisamos de você. Foi assim que eu aprendi o português: demorou, mas eu aprendi, porque precisava ajudar o meu povo.

Foi em 1985, ou 1986. Os garimpeiros invadiram a terra Yanomami. Quarenta mil garimpeiros. Eles nos maltrataram. Eu comecei a lutar, a denunciar e a defender o meu povo. Outras lideranças, como Aílton Krenak, [Álvaro] Tukano, Marcos Terena e lideranças Macuxi de Roraima me ensinaram a enfrentar o homem da cidade, homem que destrói a floresta. Nós escrevemos uma carta e mandamos para a ONU. O pessoal da ONU achou bom que eu recebesse o prêmio Global 500 anos [do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente]. Nós recebemos depois de Chico Mendes. Ele é *napë*, eu sou índio, e nós ganhamos esse prêmio. Não é dinheiro não, é um papel especial, para proteger a floresta. Quando, em 1988, eu recebi esse prêmio, o meu caminho se abriu. Abriu o caminho para eu sair do país até a Europa, para contar sobre a situação e o sofrimento do meu povo Yanomami. Os garimpeiros assassinaram dezesseis Yanomami, a malária estava nos matando, então tive que sair, por causa do meu povo Yanomami. Aqui no Brasil, eu não conseguia nada, as pessoas só prometiam e nada faziam. Pensei assim em sair do país para mostrar o nome do meu povo. Até hoje continuo andando. Tenho direito de andar para qualquer lugar. Não é só o branco que anda, não. Hoje mesmo estou aqui, contando para vocês, que vão aprender também a escutar, a respeitar o nome do povo Yanomami.

## **NOMEAR HUTUKARA**

Vocês estão curiosos para saber o que é *hutukara*. Dentro do seu livro grande, a Constituição Federal, ali dentro, não tem o nome *hutukara*. Só há letras. O *napë*, nesse caso, aqueles que escrevem, que prepararam o grande livro, não incluíram o nome *hutukara*. Esqueceram de colocar o nome *hutukara*. Falta também *urihi*. *Xapiri* também está faltando. *Omamari*, *tomamari*, *titiri*, *hotumosi...* estão faltando esses nomes.

*Weyate, harika...* também estão faltando. Estão faltando todas essas palavras dentro da Constituição Federal. Porque somos outro povo, Yanomami do Brasil.

Vocês já leram minha *oni oni kiki*, já leram? Ela já tocou o coração de vocês? Já mexeu com o pensamento de vocês? Lá vocês já viram palavras diferentes. Então, dentro da *hutukara* está todo o *urihi, hutihia, xapiripë, mau upë, hehu, yari, poripo, mothoka, watori, maa, wahari, maari, hereamu, wayamu, xapiripru* e outros que há no universo. *Hutukara* é uma grande panela, uma grande panela de barro. É como uma casa, onde colocaram todos nós, nós Yanomami, Xirixana, Xiriana, Xamathari, Jawari, Waika, Ye'kwana, Sanumá, Xakriabá, Tupinambá, Kayapó, Xavante, Guarani, *napë* de pele branca, *napë* de pele vermelha, os negros, todos dentro de uma grande panela de barro. Omama vai somar, quantos materiais diferentes estejam dentro da *hutukara*. Então, nós, Yanomami, contamos para colocar um só nome. *Xapiri Pata* pensou um único nome, forte, muito forte: *hutukara*. E os *xapiri* vão usar esse nome.

Foi assim que o povo Yanomami pensou no nome *hutukara*. Em português, *universo*. Vocês *napë* falam universo, universo em que estão reunidos: terra, céu, lua, chuva, escuridão... Yanomami diz que está tudo *komi yamaki piria, hutukara a*, nós estamos dentro da *hutukara*, moramos longe, mas estamos dentro da *hutukara*. Nós, Yanomami, escolhemos esse nome – *hutukara* – para colocar no papel; colocamos no papel esse nome guardado na memória, na filosofia.

*Hutukara* é um ovo gigante. É assim que nós, povo Yanomami, enxergamos e sonhamos para ter esse nome. Outros chamam *hutomosi*, outros falam *maxitha*, outros falam *urihi*. *Urihi* é floresta, terra-floresta. Assim ensinamos para nossos filhos, nossas filhas, nossos parentes. *Näpe* usa *floresta, meio ambiente*, há outras palavras. *Natureza*, a floresta alta, Mata Atlântica. Vocês usam essas palavras. Nós usamos uma só: *urihi. Urihi a*. A floresta onde nós somos, *urihi* que faz sombra em nossa terra. Para nos proteger e proteger a terra, para a terra não ficar muito quente. *Omama* criou *urihi* para nós ficarmos na sombra, para proteger os rios. *Urihi* também é prioridade para os Yanomami. É fundamental para proteger nossa energia, para não nos deixar sofrer

com o sol. Quando não tem árvore, não tem sombra, quando não tem *urihi* acima da terra, tudo se torna muito quente.

*Hutukara* é muito, muito pesada. Os pajés, *xapiri*, que estamos na aldeia para levá-la, para tentar levá-la, nós tomamos *yakoana*. Sem *yakoana* ninguém aprende. Nós tomamos *yakoana*, que é muito forte, para ficarmos com os olhos luminosos e olhar para a *hutukara*, que é grande e pesada: então tem que tomar *yakoana*, que é forte. *Xapiri Pata* que está lá em cima, no alto, chama *paxo*, *paxorioma*, fica lá no outro lado do universo, e outro, *koxoro*, que está lá em outro lugar, e *yari*, que fica em outro lugar, para poder experimentar e levantar *hutukara*. Nós tentamos isso, mas não conseguimos não. É muito pesado.

*Hutukara* é o universo onde moramos e que cuida da gente. Nós moramos com ele; nele, trabalhamos, criamos os filhos, ensinamos nossos filhos. Vocês também estão ensinando os filhos de vocês. Estão aprendendo outra coisa, estão aprendendo o que é prioridade para todo mundo. A prioridade, o fundamental, é *hutukara*. Por quê? Porque ela é generosa, *xiihete*! Ela é generosa para todo mundo. Não só para os índios, mas para todo mundo, *xiihete*! *Hutukara* é generosa para todo mundo: ela vai deixar chover, vai trazer vento, vai trazer claridade, vai deixar escurecer para a gente dormir, descansar; ela vai trazer também a riqueza da nossa comida: frutas, manga, mamão, laranja, cana. Tudo o que usamos. Então *hutukara* é muito poderosa, mas muito generosa: assim aprendemos, assim aprendi. Comecei pequeno, desde pequeno, cheirando *yakoana*, escutando os colegas maiores cantando, dançando, falando... acho que aprendi. Eu não tenho professor como vocês. Tenho um professor, que é meu sogro. Ele me ensinou sobre *hutukara*, para eu poder usar o nome da *hutukara*. Meu sogro é um pajé forte, ele é sábio. Nunca viajou para outro mundo, mas viaja tomando *yakoana*, sua alma viaja. Meu sogro me preparou durante um mês, fazendo jejum. Chorei de fome, mas aguentei; sofri para aprender. Se não sofrer nada, não se aprende; se vocês não sofrem, aprendem pouco. É assim que nós, Yanomami, fomos criados com *Omama*: fomos criados Yanomami da floresta, para cuidar e proteger a *hutukara*.

*Hutukara* surgiu sozinha, assim como *Omama*, que também se formou sozinho, a partir de *hutukara*. Isso o que eu queria tentar explicar



para vocês, que nunca viram essa palavra: como eu disse, dentro do grande livro, dentro da Constituição Federal, não há nada escrito sobre isso. Então, agora, vocês estão pensando, estão olhando o que é: *hutukara* está aqui, nós estamos sentados em cima da barriga de nossa mãe.

Vocês estão entendendo o que estou falando? Estou falando sua língua, essa não é minha língua não. Explicar na minha língua seria mais fácil para mim. Então, vocês querem fazer uma pergunta? Se eu falar muito, vocês vão embora. O tempo está correndo, *awei!*

## **NAPĚ, DESTRUIÇÃO**

Sobre o nome da *hutukara*, o *napě* – o professor – não ensina a vocês. Ele ensina diferente. Conta diferente, não é? Por isso, vocês querem entender o que é. *Hutukara* é um universo que não vai acabar, que nunca vai acabar. Não tem fim. A nossa vida acaba. Estamos ficando velhos já, como as árvores. Quando uma árvore chega em certa idade, ela cai. Nós somos assim. *Hutukara* não. *Hutukara* permanece sempre. Com a geração seguinte, nossos filhos. Então, o que nós estamos fazendo agora é histórico para nossos filhos, para nossos filhos lembrarem de nós. Para lembrarem como nós cuidamos, como nós definimos *hutukara*, para poder usar com muito cuidado. Nós, índios brasileiros, nunca destruímos nada. Agora, quando *napě* chegou, aqui em Minas Gerais, por exemplo, está tudo roído, tudo mordido. Nossa *hutukara* está sangrando.

Essa destruição não é de hoje, é algo histórico. Já faz tempo que vêm destruindo, lá em outro mundo, na Europa. Vocês não tinham nascido ainda e já vinham destruindo a natureza. O homem acostumou a destruir a natureza para negociar, fazer negociação em troca de *mareasiki*. *Nāpe* não está destruindo à toa, ele está fazendo dinheiro. Corta a madeira para vender. Desmata para fazer o pasto do boi. Não é só o homem que quer a terra, o boi quer mais roçado, capim. Então o homem vai desmatando, vai destruindo. A natureza já está sofrendo faz tempo. Agora é que vocês estão vendo. É por isso que nós estamos aqui sentados. Eu, Yanomami, estou preocupado, minha alma está chorando,

pensando: por que o homem não aprende? Por que o homem não para de destruir a natureza? Ele não vai parar nunca. Ele vai continuar a derubar, sem cessar, para fazer papel, fazer mesa, para fazer prédio.

O *napë* da cidade, ele não vira *xapiri* não. Ele nasceu como *napë*, permanece *napë*. Como não indígena, ele nunca vai virar *xapiri*, nunca. Porque os *xapiri* somos diferentes. Muito diferentes. O *napë* vira pastor. Ele pode virar pastor, ele pode virar crente, ele pode virar padre, isso aí é fácil para ele. Virar *xapiri*, não. É difícil. Tem que ser Yanomami, falar Yanomami correto, se pintar, falar, conversar, visitar a maloca. É assim. Eu não vou dizer que vocês vão aprender a ser *xapiri*, porque nunca vão aprender não. Vocês vão aprender a respeitar, a proteger, a manter limpos os lugares, as cachoeiras, a floresta; aprender a gostar da terra, gostar da saúde, a bem viver, assim vocês podem pensar. Pensar e respeitar. Essa é a minha fala.

*Omama* criou *xapiri* e pediu para ele proteger *urihi*: "Protege, essa *urihi*, ela é para vocês. De geração a geração: vocês vão morrer e outros vão nascer." O criador falou para ele, junto ao meu povo antigo. O povo Yanomami aprendeu então a proteger o seu lugar, o lugar onde busca comida, caça, colhe frutas, castanha e outros alimentos. O povo originário já protegia *urihi* faz tempo. É por isso que *napë* chegou aqui no Brasil e cresceu o olho, olhou a terra e pensou assim: "ah, aqui que eu vou ficar rico. Aqui eu vou me enriquecer. Lá em Portugal, eu fiquei pobrezinho." Só trazendo rede, roupa e sapato, chegaram aqui. Chegaram, pisaram a nossa terra, enriqueceram. Aqui, o povo Krenak já estava protegendo a terra. Quem destruiu foi *napë*. Yanomami já estava rico de floresta, rico de comida, de saúde, alegria, cantando, andando dentro da floresta, e agradecendo.

*Napë* diz: "patrimônio natural". Nós, Yanomami, falamos: *pata wa thë hupa nomai!* Como *napë* fala, tem regra, não pode mexer. Não pode tirar. Não pode destruir. Porque ele é nossa segurança, nossa proteção, para vivermos bem. Viver bem, com saúde, alegria, fazendo festa, dançando.

O branco diz isso, mas ele está destruindo. Só fala para respeitar, mas ele mesmo não respeita de verdade. Aqui nessa montanha, o chefe de vocês, o governador de Minas Gerais, ele proíbe, mas, ao mesmo

tempo, deixa entrar as pessoas para destruir. E para mim, Yanomami, que me preocupo com o patrimônio natural, não posso usar. Não posso vender, não posso negociar. Não posso. É preciso deixar ele como nasceu, deixar ficar guardado, em pé, permanente; respeitar o lugar sagrado.

## **SONHAR HUTUKARA**

Sonhar a terra... quando sonha, você está pensando bem. Quando a gente está com o pensamento bom, com o pensamento limpo, o sonho vem. Quando se preocupa, porque está faltando casa, faltando carro, faltando dinheiro, faltando emprego, seu pensamento vem com sofrimento. Quando você está pensando bem, porque você gosta do seu lugar, você ama a sua terra, você ama a sua floresta, você ama os peixes, os animais, a caça, tudo que você olha, que você conhece, você pensa que pode viver como nós vivemos.

Quando você olha as montanhas bonitas, o sonho vai se aproximar. A criança nasce brava, *waiteri*. Nasce brava, cresce brava, não respeita a mãe, não respeita o pai, o irmão. Essa criança vai crescendo com pensamento diferente. Então, o sonho vem corajoso, para o homem ficar com coragem. Chama-se *waitheri* esse sonho. Cada um de nós, povos da terra, sonha. Os sonhos são importantes: você vai contando para sua mãe, vai contando para o seu pai. O sonho vai te ensinando o caminho bom. É assim que aprendemos, nós, Yanomami.

## **GRITO DA TERRA**

O tempo... aproveitar o tempo da existência. Para vocês, povo da cidade, é realmente difícil. É difícil parar de andar como borboleta: anda daqui para lá, vai para lá, compra comida, cuida do filho, da casa, lava roupa. Realmente, a vida de vocês na cidade é muito complicada. Não tem tempo para ficar tranquilo, despreocupado... É difícil: como podemos achar um caminho? Achar um caminho para sair daqui, deste lugar com muito barulho, para melhorar o pensamento de vocês? Se vocês não saem daqui, o pensamento sofre. Têm que sair para longe

da cidade, para o interior. Longe do carro, longe da escola. Cuidar da sua casa, cuidar do roçado, plantar. Há esse caminho. Mas vocês não podem sair daqui, não podem abandonar sua escola. Nossa *hutukara* quer que vocês fiquem longe da cidade, mas o homem da cidade, ele não deixa.

Nós estamos preocupados por causa do bem viver. Agora, vocês já estão conhecendo o nome do povo Yanomami, povo brasileiro, indígena. Nosso povo quer o apoio de vocês, queremos formar um grupo grande com os indígenas e os não indígenas. Vocês são novos, vinte anos, trinta anos, essa faixa de idade é muito boa para nos unir. Apenas nós, indígenas, sozinhos, não temos poder. Sozinhos, não temos força. Vocês pessoas da cidade, vocês que estão se preparando, que estão aprendendo a cuidar da natureza: podem se aliar para enfrentarmos juntos o homem grande. Para enfrentar o homem grande e minimizar a destruição do patrimônio da terra e da água.

Estou pedindo o apoio de vocês. Esta é a minha mensagem. Eu, meu povo, nós necessitamos do apoio de vocês, da sociedade civil. Uma palavra que vocês usam: respeito. Vocês não são macaxeira não, vocês não são nuvem. Vocês são gente. Então, vocês podem dar apoio ao meu povo Yanomami. Não deixar acontecer de os garimpeiros matarem meu povo não. Não deixar os políticos tomarem as terras Yanomami que já estão demarcadas. Não deixar acontecer a barragem: o *napë* gosta de fechar o rio, como houve em Belo Monte. Belo Monte destruiu o rio, morreram os peixes e o rio ficou como um bagaço.

Eu não quero, o meu povo não quer que aconteça como aconteceu em outros lugares. Isso que eu quero deixar bem claro para vocês, para vocês nos ajudarem. Como vocês são brasileiros, agora que estão conhecendo o meu jeito de viver, eu, que sou representante do meu povo: nós queremos ficar em paz. Queremos ficar em paz, protegidos e respeitados, como diz a Constituição. Então esta é a minha mensagem que deixo para vocês.

Vocês ficam assim, prontos: quando eu der um grito, grito da terra; grito da terra e grito de socorro. Vocês têm que reclamar para as autoridades, chamar a atenção delas, cobrar do governo pelos erros. Eu não quero que aconteça como aconteceu no passado. Mataram muitos

parentes meus. Mataram Pataxó Hã Hã Hãe, mataram Tupinambá, mataram Guarani, Atroari, e outros povos indígenas. Muitos do meu povo morreram no Brasil. Não queremos mais isso. *Awei!*

**Caderno de Leituras n. 130**

Série Políticas da Terra  
Hutukara: grito da terra  
Davi Kopenawa

**Coordenação editorial Série Políticas da Terra**

André Brasil  
César Guimarães  
Maria Carolina Fenati

**Transcrição da aula**

Guilherme Brant Drumond  
Marina Santos  
Matheus Carvalho Lana

**Transcrição dos trechos em língua Yanomami**

Ana Maria Antunes Machado

**Edição do texto**

André Brasil  
César Guimarães  
Maria Carolina Fenati

**Projeto gráfico**

Luísa Rabello

**Revisão**

Andrea Stahel

**Coordenação da coleção**

Luísa Rabello  
Maria Carolina Fenati

Composto em Neutral Face e Acumin Pro

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, julho de 2021

Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



Incentivo



CULTURA



**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA